

# As vogais médias pretônicas dos verbos no dialeto do noroeste paulista: análise sob a perspectiva da Teoria Autossegmental

(The pretonic medial vowels of the verbs in the dialect of the northwest of São Paulo state: an analysis in the perspective of the Autosegmental Theory)

Márcia Cristina do Carmo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual Paulista, câmpus de São José do Rio Preto (UNESP/IBILCE)

ma\_crisca@yahoo.com.br

**Abstract:** In this article, it is presented a description of the variable behavior of the pretonic medial vowels of the verbs in the dialect spoken in the São José do Rio Preto region. In these vowels, it is observed the occurrence of the phonological process of vowel raising, through which the medial vowels [e] and [o] are pronounced, respectively, as the high vowels [i] and [u], in words like 's[i]ntindo' and 'p[u]dia'. The analysis is made following the perspective of the Autosegmental Theory, which explains the vowel raising satisfactorily when it is caused by a relation between vowels.

**Keywords:** *Phonological variation; pretonic vowels; vowel raising; Autosegmental Theory.*

**Resumo:** No presente artigo, apresenta-se uma descrição do alçamento das vogais médias pretônicas dos verbos no dialeto da região de São José do Rio Preto (SP). Por meio desse processo, as vogais médias [e] e [o] são pronunciadas, respectivamente, como as vogais altas [i] e [u], em vocábulos como "s[i]ntindo" e "p[u]dia". A análise é feita sob a perspectiva da Teoria Autossegmental, a qual explica satisfatoriamente o alçamento quando decorrente de um processo de harmonização entre vogais.

**Palavras-chave:** *Variação fonológica; vogais pretônicas; alçamento vocálico; Teoria Autossegmental.*

## 1. Introdução

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa<sup>1</sup> que tem, como objetivo central, descrever o comportamento variável das vogais médias pretônicas dos verbos na variedade do interior paulista, mais precisamente da região noroeste do Estado.

O fenômeno fonológico encontrado nessas vogais é o *alçamento*, por meio do qual as vogais médias são pronunciadas como altas, como em *pr[i]cisa* e *c[u]brir*. Em muitos casos, isso ocorre pela presença de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, ou seja, decorre do processo denominado *harmonização vocálica*. No entanto, o alçamento vocálico parece ser motivado também pelas consoantes adjacentes (anterior ou posterior) à vogal pretônica sujeita ao alçamento. Esses dois casos serão tratados à luz da Teoria Autossegmental, a partir dos dados encontrados.

Neste artigo, restringe-se o estudo às vogais pretônicas da classe gramatical dos *verbos*. De modo geral, os estudos sobre vogais pretônicas em diversas variedades do

---

<sup>1</sup> Essa pesquisa de Mestrado, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciani Ester Tenani (UNESP/IBILCE), conta com auxílio financeiro da FAPESP (Proc. 06/59141-9).

Português Brasileiro (doravante, PB), parecem privilegiar o comportamento dessas vogais em *nomes*, havendo, assim, certa ausência de estudos sobre vogais pretônicas em *verbos*.

As vogais pretônicas de verbos e de nomes não se comportam de maneira semelhante em relação ao alçamento. No que diz respeito a essa diferença, destaca-se a questão da *fronteira morfológica*, que influencia os comportamentos das pretônicas dos verbos e dos nomes de modos distintos. Segundo Schwindt (2002), entre as vogais pretônicas das raízes dos verbos e as vogais dos sufixos verbais parece haver uma grande aplicação do processo de harmonização vocálica, como, por exemplo, em *d[e]ver – d[i]via* e *p[o]der – p[u]dia*. Já entre as vogais das raízes dos nomes e as dos sufixos nominais, isso não ocorre, como pode ser observado nos seguintes exemplos: *burgu[e]s – burgu[e]sia* e *form[o]so – form[o]sura*. Dessa forma, assume-se que vogais pretônicas de verbos e de nomes devam ser estudadas separadamente.

Para alcançar nossos objetivos, o presente artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, encontram-se aspectos teóricos acerca do alçamento das vogais médias pretônicas e da Teoria Autossegmental; no item 3, é apresentada a metodologia utilizada na pesquisa; em 4, encontra-se a análise dos dados; e, em 5, há a conclusão, seguida das referências bibliográficas.

## 2. Fundamentação teórica

### 2.1. As vogais pretônicas e o processo de alçamento

Muitos estudos têm sido feitos acerca das vogais pretônicas em diversos dialetos do PB, como, por exemplo, do dialeto de Brasília (BORTONI, 1992), da cidade capixaba de Nova Venécia (CELIA, 2004), de Salvador (SILVA, 1989), entre outros.

Em alguns desses estudos, sobretudo em pesquisas que tratam de dialetos do Norte e do Nordeste do Brasil, é encontrado o fenômeno do *abaixamento vocálico*, que consiste na pronúncia das vogais médias /e/ e /o/ como, respectivamente, as médias-baixas /E/ e /O/, em vocábulos como *l[E]var* e *f[O]rmaram*.<sup>2</sup> No entanto, nas vogais pretônicas dos verbos na variedade do noroeste paulista, esse fenômeno não foi identificado. Encontra-se, nessas vogais, o *alçamento vocálico*, em que as médias /e/ e /o/ são pronunciadas como, respectivamente, as altas /i/ e /u/, como em *p[i]dia* e *d[u]er*.

Em muitos casos, o alçamento é decorrente de um processo fonológico denominado *harmonização vocálica*, em que a vogal média é pronunciada como alta pela influência de uma vogal alta presente na sílaba subsequente à da pretônica-alvo, como em *s[i]ntir* e *m[u]rri*.

Câmara Jr. (2007)<sup>3</sup> afirma que a harmonização vocálica se dá quando a vogal /i/ ou /u/ presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo é tônica, como em *d[i]via* e *c[u]stumo*. Bisol (1981), por sua vez, em seu estudo sobre a harmonização vocálica na fala de informantes do Estado do Rio Grande do Sul, observa que o fator importante para a realização da harmonização vocálica é a presença de uma vogal alta na sílaba

---

<sup>2</sup> Neste trabalho, por motivos de ordem prática, as vogais médias-baixas anterior e posterior são representadas, respectivamente, como [E] e [O].

<sup>3</sup> A publicação original dessa obra data de 1970.

seguinte à da pretônica-alvo, independentemente de sua tonicidade, como se verifica, por exemplo, em *pr[i]cisei* e *pr[i]ciso*, em que a vogal anterior alta presente na sílaba seguinte à da pretônica alçada é, respectivamente, átona e tônica.

Os casos de alçamento podem ser analisados sob a perspectiva de teorias diferentes. Neste trabalho, são abordados à luz da Teoria Autossegmental, a fim de observar em que medida essa teoria consegue explicar os dados encontrados no dialeto do interior paulista. A seguir, tratamos dos fundamentos teóricos de nossa análise.

## 2.2. A Teoria Autossegmental

A Teoria Autossegmental (GOLDSMITH, 1976) consiste em um dos modelos não-lineares em Fonologia. Como o próprio nome diz, opera com *autossegmentos*, o que permite, conforme afirma Hernandorena (1999), a segmentação independente de partes dos sons das línguas.

Essa teoria afirma que não há uma relação bijetiva entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza. Dessa forma, os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento, e o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

A Teoria Autossegmental também defende a existência de uma hierarquia entre os traços que compõem cada segmento da língua. Essa hierarquia é representada pela *Geometria de Traços* (CLEMENTS, 1985, 1991; CLEMENTS e HUME, 1995), na qual, segundo Hernandorena (1999), a organização se mostra por meio de configurações de *nós hierarquicamente ordenados*, em que os *nós terminais* são traços fonológicos e os *nós intermediários* são classes de traços. Assim, os traços de cada segmento se encontram dispostos em diferentes camadas ou “tiers”.

Segundo Cagliari (2002), essa abordagem difere do modo com o qual os traços eram tratados no modelo linear proposto por Chomsky e Halle (1968), em que se concebia a formação de matrizes (i) nas quais os traços estavam dispostos aleatoriamente; e (ii) sobre as quais as regras agiam.

De acordo com Cagliari (2002, p. 127) “através de *linhas de associação*, os traços de um segmento podem se ligar a traços de outros, revelando os processos fonológicos que ocorrem, como a assimilação, a queda etc”. Assim, a assimilação ocorre por meio de um espraiamento de traço(s) de um segmento a outro.

No que diz respeito às vogais, destaca-se o nó *vocálico*, o qual domina os nós: (i) *pontos de vogal*, que lida com os traços relacionados aos pontos de constricção ([*labial*], [*coronal*] e [*dorsal*]); e (ii) *abertura*, que domina os traços referentes às alturas das vogais.

Feita essa breve apresentação da Teoria Autossegmental, passa-se, agora, a tratar da metodologia utilizada para o levantamento e análise dos dados.

## 3. Metodologia

Quanto ao *corpus* de pesquisa, foram utilizadas dezesseis entrevistas do banco de dados IBORUNA, do projeto ALIP (“Amostra Lingüística do Interior Paulista” – FAPESP 03/08058-6), coordenado pelo professor Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves (UNESP/IBILCE). Esse banco de dados conta com amostras de fala espontânea de 152

informantes do município de São José do Rio Preto e de suas seis cidades circunvizinhas.

Após a seleção dos inquiridos para a delimitação do *corpus* da pesquisa apresentada neste trabalho,<sup>4</sup> fez-se a extração de cada ocorrência da variável, com a observação e notação do contexto em que a vogal pretônica estava inserida. Em seguida, fez-se a análise dos dados obtidos, procedendo à transcrição fonética de base perceptual. Por fim, realizou-se a quantificação dos dados, por meio da utilização de programas do pacote estatístico VARBRUL.<sup>5</sup>

### 3.1. Contextos excluídos

É importante ressaltar que certos contextos foram excluídos da análise dos dados, tendo em vista que esta pesquisa limita seu estudo a vogais pretônicas *internas*. Assim, são desconsideradas as ocorrências de pretônicas presentes nos seguintes contextos: hiato; ditongo; início de vocábulo; e prefixo. Essa exclusão se dá pelos motivos apresentados a seguir.

#### 3.1.1. Pretônicas em hiato

Nesta pesquisa, a maioria das vogais presentes nesse contexto sofre o processo de alçamento, especialmente quando seguidas de /a/ tônico, contexto que Câmara Jr. (2007) já destacou por, nele, haver muitos casos de alçamento, como em *pass[i]ar* e *v[u]ando*. Assim, opta-se por não considerar vogais pretônicas presentes em hiato pelo fato de que suas altas porcentagens de ocorrência de alçamento podem comprometer os resultados quantitativos sobre a aplicação do processo, que, com base na literatura existente sobre o tema, tendem a constituir pequenas porcentagens.

#### 3.1.2. Pretônicas em ditongo

Nos ditongos, as vogais médias são seguidas por semivogais, as quais não têm as mesmas propriedades de vogais “plenas”, e, por isso, não podem ser analisadas junto a estas como favorecedoras ou não da harmonização vocálica. Além disso, em alguns desses contextos, é encontrado outro processo fonológico: a *monotongação*, por meio da qual a semivogal do ditongo é apagada, como em *d[e]xar* e *est[o]rou*.

#### 3.1.3. Pretônicas em início de vocábulo

As vogais em início de vocábulo são desconsideradas com base na afirmação de Bisol (1981) segundo a qual os princípios regentes do alçamento de uma vogal inicial não são os mesmos daqueles que elevam uma vogal pretônica interna. Na pesquisa sobre vogais pretônicas dos verbos na variedade do noroeste paulista, um comentário que pode ser tecido em relação às vogais /e/ que iniciam vocábulos é que se verifica uma grande frequência do alçamento, propiciando realizações como *[i]studar*, *[i]scolheu*, *[i]spremendo* e *[i]stragou*. Assim como ocorre com vogais pretônicas

---

<sup>4</sup> Delimitou-se o *corpus* a entrevistas de informantes do sexo feminino, com grau de escolaridade superior completo ou em andamento, e de quatro faixas etárias: de 16 a 25 anos; de 26 a 35 anos; de 36 a 55 anos, e acima de 56 anos. Neste artigo, não se objetiva lidar com variáveis sociais. No entanto, a *faixa etária* do informante será considerada em futuros trabalhos.

<sup>5</sup> Neste artigo, tendo em vista o recorte utilizado para sua elaboração, não são apresentados todos os resultados obtidos por meio da utilização do VARBRUL, como, por exemplo, os pesos relativos das variáveis consideradas. Resultados como esse serão apresentados em futuros trabalhos.

presentes em hiato, as altas freqüências de aplicação do alçamento de vogais que iniciam vocábulo podem enviesar os resultados quantitativos sobre a aplicação do processo.

#### 3.1.4. Pretônicas em prefixo

Collischonn (2006) afirma que não há harmonização entre a vogal do prefixo e a vogal alta da palavra. Entre o prefixo que mantém as características semânticas do vocábulo original e o restante do vocábulo, há uma fronteira de palavras, a qual, segundo a autora, a harmonização vocálica não atravessa. Em nosso *corpus*, isso pode ser comprovado pela ocorrência de vocábulos como *c[o]nviveu* e *pr[e]visto*, pois não ocorreu o alçamento das pretônicas.

No entanto, também há muitos vocábulos que apresentam o prefixo /des-/, que, na maioria dos casos, tem sua vogal alçada, como em *d[i]sinfetar*, ou elidida, como em *dsliga*.

Desse modo, por essa situação particular de o alçamento das vogais pretônicas ser bloqueado em certos prefixos, enquanto, em outros, ser aplicado de modo categórico ou com grande freqüência, e, também, por haver, em muitos casos, a elisão da pretônica /e/ nos prefixos /des-/, decidiu-se excluir, neste trabalho, as vogais pretônicas presentes em prefixos.

### 4. Análise dos dados

Foram encontradas 2455 ocorrências de vogais pretônicas /e/ e 2147 de /o/, excluídos os contextos acima arrolados. Considerando esses dados em relação à aplicação ou não do processo de alçamento, observam-se os seguintes números e porcentagens:

**Tabela 1. Quadro geral da aplicação ou não do alçamento**

	Com alçamento	Sem alçamento	Total
Pretônicas /e/	390 (16%)	2065 (84%)	2455 (100%)
Pretônicas /o/	219 (10%)	1928 (90%)	2147 (100%)

Como se pode verificar na tabela anterior, a maioria (84% e 90%, para as vogais /e/ e /o/, respectivamente) das vogais pretônicas analisadas não apresenta alçamento. Observa-se, também, uma maior porcentagem de alçamento nas vogais pretônicas /e/ (16%) do que nas pretônicas /o/ (10%).

Procurou-se, então, relacionar esses dados de ocorrências e de não-ocorrências de alçamento à presença de uma vogal alta na sílaba subsequente à da pretônica-alvo, contexto considerado favorável à aplicação do processo.

#### 4.1. Pretônicas alçadas

Pode-se observar a relação entre as vogais pretônicas que sofrem o processo de alçamento e a presença ou ausência de vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo por meio da seguinte tabela:

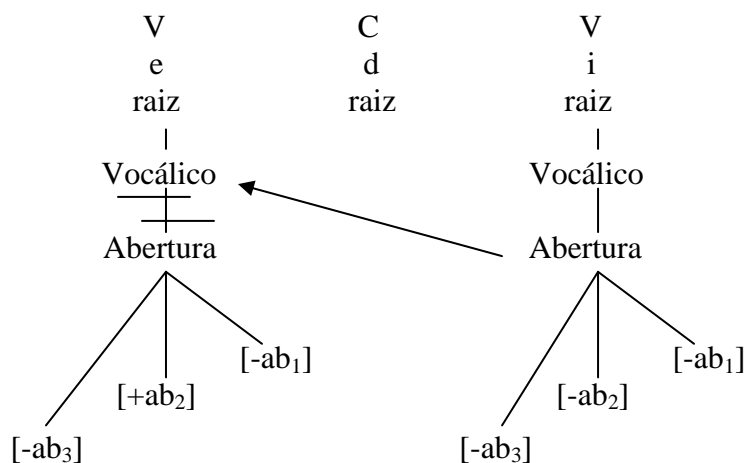
**Tabela 2. Frequência de pretônicas alçadas em relação à presença ou ausência do contexto favorável à aplicação do processo**

	Com vogal alta na sílaba seguinte	Sem vogal alta na sílaba seguinte	Total
Pretônicas /e/ <u>com</u> alçamento	350 (89,7%)	40 (10,3%)	390 (100%)
Pretônicas /o/ <u>com</u> alçamento	136 (62,1%)	83 (37,9%)	219 (100%)

Em relação à vogal /e/, a maioria (89,7%) dos casos de alçamento se dá quando há contexto propício à realização do processo, ou seja, quando há a influência de uma vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *d[i]via*, *pr[i]cisou* e *p[i]di*. Apenas 10,3% dos casos de alçamento da pretônica /e/ ocorrem quando não há contexto favorável à realização do processo.

Os resultados obtidos acerca da vogal /o/ apontam para o mesmo sentido, tendo em vista que 62,1% dos casos de alçamento ocorrem quando há contexto favorável à aplicação do processo, como em *c[u]stuma*, *p[u]dia* e *desc[u]bri*. O restante dos casos (37,9%) diz respeito às vogais pretônicas /o/ que sofrem o processo de alçamento, mesmo não havendo vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica, como em *alm[u]çando*, *c[u]meça* e *c[u]nhecer*.

Relacionando esses dados à Teoria Autossegmental e ao modelo da *Geometria de traços*, pode-se dizer que os casos em que há alçamento da pretônica em um contexto favorecedor à aplicação do processo são resultantes de um espraçamento de traços no *nó abertura* da vogal alta para a vogal alçada. Segundo Hernandorena (1999), na Geometria de traços, para distinguir a altura das vogais, utiliza-se o traço [aberto],<sup>6</sup> diferentemente do modelo gerativo de Chomsky e Halle (1968), que o fazia por meio dos traços [alto] e [baixo]. Assim, em *p[i]di*, por exemplo, pode-se representar o processo de alçamento da seguinte forma:



**Figura 1. Representação do alçamento ocorrido em *p[i]di*, conforme a Teoria Autossegmental e o modelo da Geometria de Traços**

No esquema anterior, indicam-se: (i) o desligamento da linha de associação presente entre os nós *vocálico* e *abertura* da vogal /e/; e (ii) o espraçamento dos traços

<sup>6</sup> Quanto às vogais relacionadas ao alçamento – vogais altas e médias –, de acordo com Wetzels (1991), as altas apresentam os seguintes traços: [-ab<sub>1</sub>], [-ab<sub>2</sub>] e [-ab<sub>3</sub>]. Já as vogais médias, além dos traços [-ab<sub>1</sub>] e [-ab<sub>3</sub>], apresentam também o traço [+ab<sub>2</sub>], diferenciando-se, dessa forma, das vogais altas.

do nó *abertura* da vogal *i* de *pedi* para a vogal *e*, que passa a apresentar esses traços e, conseqüentemente, a ser pronunciada como [i].

O fato de haver uma consoante entre essas duas vogais não dificulta ou impossibilita a realização do espraçamento. Isso se deve ao fato de, como afirma Hernandorena (1999), as consoantes não terem o nó *vocálico*, o qual bloquearia o espraçamento.

Vale relembrar que há casos em que o alçamento ocorre, mesmo sem haver uma vogal alta na sílaba subseqüente à da pretônica-alvo. Entre esses casos, destacam-se os vocábulos em que a vogal /o/ alça para /u/ e que apresentam a vogal [m] adjacente à pretônica, como em *alm[u]çar* e *alm[u]çando*. Sabe-se que a vogal /u/ é mais labializada do que a vogal /o/. Bisol (1981), por exemplo, afirma que a consoante [m], pelo seu traço de labialidade, favorece a ocorrência da vogal alta /u/, por esta ser mais labializada do que /o/. Verificam-se, também, muitos casos de alçamento ocorridos pela influência da consoante precedente /k/ – como em *c[u]nhece* e em *c[u]meçar* –, que apresenta um alto ponto de articulação. Em termos da Geometria de Traços, pelo fato de considerar os mesmos traços ([labial], [coronal] e [dorsal]) como característicos dos pontos de articulação de consoantes e de vogais, esse modelo expressa o contexto de partilha de traços entre esses segmentos. No entanto, parece não conseguir explicar a mudança de abertura da vogal em função do ponto de articulação da consoante adjacente.

#### 4.2. Pretônicas não alçadas

Observando-se os casos em que não há alçamento, pode-se fazer a seguinte tabela:

**Tabela 3. Frequência de pretônicas não-alçadas em relação à presença ou ausência do contexto favorável à aplicação do processo**

	Com vogal alta na sílaba seguinte	Sem vogal alta na sílaba seguinte	Total
Pretônicas /e/ <u>sem</u> alçamento	325 (15,7%)	1740 (84,3%)	2065 (100%)
Pretônicas /o/ <u>sem</u> alçamento	236 (12,2%)	1692 (87,8%)	1928 (100%)

Tanto em relação à vogal /e/, quanto em relação à vogal /o/, a maioria dos casos em que não há alçamento (84,3% e 87,8%, respectivamente) ocorre em vocábulos em que não há vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo.

Apesar das pequenas porcentagens (15,7% para /e/ e 12,2% para /o/) de casos em que não há alçamento, mesmo havendo contexto vocálico favorável à sua aplicação, como em *pr[e]cisa*, *s[o]fria*, *requ[e]ria* e *pr[o]curar*, esses dados são relevantes e não devem ser ignorados. Pode-se dizer que muitos desses vocábulos são variáveis, pois ora sofrem alçamento, ora não, como: *pr[e]cisa* ~ *pr[i]cisa*, *requ[e]ria* ~ *requ[i]ria*, *c[o]zinha* ~ *c[u]zinha*, *d[o]rmi* ~ *d[u]rmi*.

Verifica-se, também, ao se observarem os dados, que há um tipo particular de vocábulo que não alça, mesmo havendo uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo: tratam-se de vocábulos que apresentam o sufixo modo-temporal do futuro do pretérito /-ria/, como *s[e]ria*, *t[e]ria* e *pod[e]ria*. Dos 101 itens lexicais analisados que apresentam esse sufixo, apenas dois (*percorr[i]ria* e *pr[i]cisariam*) sofrem o processo de alçamento. Collischonn e Schwindt (2004) apontam duas

explicações possíveis para o fato de esse sufixo desfavorecer<sup>7</sup> a aplicação do alçamento. A primeira afirma que a forma verbal do futuro do pretérito tem uso reduzido na língua falada do PB, sendo, muitas vezes, substituída pela forma verbal do pretérito imperfeito. Além disso, nas vezes em que verbos no futuro de pretérito ocorrem, costumam estar vinculados à fala cuidada ou à função de modalizador do discurso.

A segunda explicação que os autores apontam é a de que esses morfemas se configuraram como palavras prosódicas independentes. Vigário (2001) defende a existência de fronteira prosódica entre o radical e o sufixo verbal, com base na ocorrência de *mesóclise*, como em *dever-se-ia*. Considerando o fato de a harmonização vocálica não atravessar fronteiras de palavras prosódicas, como também ocorre nos substantivos, como, por exemplo, em *f[er]r[o]via*, o alçamento tende a não ocorrer em verbos que apresentam o sufixo modo-temporal de futuro do pretérito.

Pode-se observar, também, que alguns vocábulos com vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica, mas que não alçam, apresentam consoantes adjacentes à pretônica com baixos pontos de articulação, como é o caso das consoantes precedentes e seguintes em *ad[e]riu*, *ins[e]rir* e *acontece*. Esses baixos pontos de articulação das consoantes adjacentes podem desfavorecer a aplicação do processo. Porém, como já discutido no presente trabalho, o modelo da Geometria de Traços parece apresentar certa dificuldade em tratar da aplicação do alçamento quando decorrente de relações entre vogal e consoante.

## 5. Conclusão

A partir deste estudo sobre as vogais pretônicas dos verbos no dialeto do interior paulista, observa-se que a Teoria Autossegmental, por meio do modelo da Geometria de Traços, explica satisfatoriamente as ocorrências de alçamento quando decorrentes do processo de harmonização vocálica, ou seja, quando há uma vogal alta na sílaba subsequente à da pretônica-alvo. Porém, parece não conseguir explicar a mudança de abertura da vogal em função do ponto de articulação da consoante adjacente à pretônica-alvo.

Podem-se buscar explicações aos casos de alçamento em outras informações, como, por exemplo, em aspectos morfológicos dos vocábulos e, possivelmente, além do nível da palavra, fazendo uso de outros modelos não-lineares em Fonologia,<sup>8</sup> como, por exemplo, a *Teoria Lexical*, que lida com aspectos morfofonológicos, e a *Prosódica*, que lida com os diferentes constituintes prosódicos, como, por exemplo, o *enunciado fonológico*.

Vale destacar que essas investigações do fenômeno do alçamento à luz de diferentes teorias e com base nos dados encontrados na pesquisa sobre vogais pretônicas dos verbos na variedade do noroeste paulista serão divulgadas em futuros trabalhos, já

---

<sup>7</sup> Rodados todos os dados nos programas do pacote estatístico VARBRUL, verifica-se, claramente, por meio dos pesos relativos apontados para o fator *sufixo modo-temporal do futuro do pretérito* (.08 para /e/ e .00 para /o/), sua atuação como altamente desfavorecedor da realização do alçamento.

<sup>8</sup> Cabe deixar claro que a utilização de mais de uma teoria fonológica em uma mesma pesquisa não é impossível. Abarre (2006), por exemplo, afirma que os modelos não-lineares não são opostos uns aos outros, e sim complementares, tendo em vista que cada modelo tem seu próprio recorte dos fenômenos fonológicos.



que essa pesquisa ainda se encontra em andamento. De qualquer forma, espera-se que este artigo possa contribuir para as análises sobre o comportamento de vogais pretônicas dos verbos de diferentes dialetos do PB sob a perspectiva da Teoria Autosegmental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M. Fonologia e Fonética. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. *Introdução às Ciências da Linguagem – A palavra e a frase*. (Org.) Campinas: Pontes, 2006, p. 39-74.

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 2, p. 23-44, 1981.

BISOL, L. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BORTONI, S. M. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.1, n. 1, p. 9-30, 1992.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002, p. 125-129.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. (Primeira edição em 1970).

CELIA, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES*. 2004. 114 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, G. N. The Geometry of Phonological Features. *Phonology Yearbook*, 2, p. 225-252, 1985.

\_\_\_\_\_. Place of Articulation in Consonants and Vowels: a Unified Theory. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, n. 5, p. 77-123, 1991.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The Internal Structure of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.) *Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995, p. 245-306.

COLLISCHONN, G. *Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2006.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Harmonia vocálica no sistema verbal do português do sul do Brasil. *Estudos de Fonologia e de Morfologia*. Porto Alegre, v. 18, n. 36, p. 73-82, 2004.

GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental Phonology*. 1976. Tese (Doutorado) – Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976.

GONÇALVES, S. C. L. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>.

HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 11-79.

SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. (Org.) *Fonologia e Variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 161-182.

SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. 1989. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

VIGÁRIO, M. *The Prosodic Word in European Portuguese*. 2001. 397 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001.

WETZELS, W. L. Harmonização vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do português: uma análise auto-segmental. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 21, p. 25-58, 1991.